A Linguagem da Magia Política

Modelo Milton, Metamodelo e Prestidigitação Verbal no Discurso de Luiz Inácio Lula da Silva
(Artigo 2 da Série sobre o Modelo Lula de Liderança Popular – MLLP)

Autor: André Percia
Psicólogo Clínico · Master Trainer em PNL, Hipnose e Coaching

Resumo

Este artigo dá continuidade ao programa de pesquisa iniciado em A Estrutura da Magia Política: Uma Modelagem Sistêmica Avançada em PNL – Estudo de Caso: Modelo Lula de Liderança Popular (MLLP). Se o primeiro texto descreveu as macroestratégias de liderança de Luiz Inácio Lula da Silva – MLLID (Influência e Discurso), MLLPER (Persistência e Superação) e MLLCOL (Coalizão e Flexibilidade Perceptual) – e sistematizou sete competências treináveis (L1–L7), o presente artigo realiza um movimento complementar: desce do plano macro para a microcirurgia linguística.

A partir de um corpus composto por discursos de posse, pronunciamentos em cadeia nacional, entrevistas extensas e falas em contextos de crise – complementado por estudos de linguística de corpus sobre metáforas, campos lexicais e legibilidade no discurso de Lula (MOURA, 2005; SARDINHA, 2008, 2010; TREIN; MESQUITA, 2025) – analisamos como padrões do Modelo Milton, do Metamodelo e da Prestidigitação Verbal aparecem, de forma sistemática, na sua comunicação pública.

O texto distingue cuidadosamente dados documentados (trechos reais de fala, resultados de estudos de corpus, índices de legibilidade) de inferências de modelagem em PNL (classificação em padrões, hipóteses sobre processos cognitivos e efeitos relacionais). No corpo do artigo, apresentamos exemplos abundantes, organizados e comentados, de: (a) linguagem hipnótica e metafórica (Modelo Milton); (b) momentos de alta precisão e desmontagem de generalizações (Metamodelo); e (c) reenquadramentos criativos de críticas, ataques e acusações (os 14 padrões clássicos de Prestidigitação Verbal).

Na parte final, propomos um Modelo de Aplicação Linguística do MLLP, um roteiro estruturado para que líderes, terapeutas, educadores, comunicadores e profissionais de influência possam utilizar, de forma ética e ecológica, os princípios elucidados nos dois artigos – não para "imitar Lula", mas para modelar e desenvolver a sua própria excelência comunicativa.

Palavras-chave: Programação Neurolinguística; Modelo Milton; Metamodelo; Prestidigitação Verbal; liderança popular; discurso político; Lula.

1. Introdução – Do MLLP à microcirurgia da frase

O primeiro artigo desta série partiu de uma hipótese simples e radical, alinhada à tradição inaugurada por Bandler e Grinder (1975a, 1975b): aquilo que costuma ser rotulado como "carisma político" pode ser descrito como uma arquitetura de estratégias cognitivas, narrativas,

corporais e relacionais. O resultado foi o Modelo Lula de Liderança Popular (MLLP), organizado em três macroestratégias – MLLID, MLLPER, MLLCOL – e sete competências treináveis (L1–L7), articuladas com a PNL de terceira geração (DILTS; DELOZIER; EPSTEIN, 2010), a linguística de corpus e a antropologia da performance (TURNER, 1969).

Este segundo artigo assume explicitamente o MLLP como pano de fundo e desce um nível na granularidade. Para visualizar como a estrutura linguística sustenta a estratégia política, propomos o seguinte esquema hierárquico:

Figura 1 – A Arquitetura Hierárquica do MLLP

NÍVEL MACRO (Estratégia e Identidade)

• MLLID: Influência e Discurso

• MLLPER: Persistência e Superação

• MLLCOL: Coalizão e Flexibilidade Perceptual

▼ Sustentado por:

NÍVEL MESO (Competências Táticas L1–L7)

Ex.: L1 (Tradução Sensorial), L4 (Chunking Up Pacificador), L6 (Narrativa de Origem)

▼ Executado através de:

NÍVEL MICRO (Engenharia Linguística – foco deste artigo)

• Modelo Milton: metáforas, nominalizações (para inspirar e unir)

• Metamodelo: especificidade numérica, causa–efeito (para defender e prestar contas)
• Prestidigitação Verbal (para gerenciar crises e crenças)

Se o MLLP descreve como o sistema opera em larga escala, aqui queremos ver como esse sistema se manifesta na frase, na palavra, na microdecisão linguística. Em vez de olhar apenas para "como ele traduz a economia em imagens de churrasco e feijão", perguntamos:

• Que tipos de deleção, nominalização, pressuposição e metáfora aparecem nas suas frases-chave?

• Em que momentos ele especifica, em vez de vaguidão, aproximando-se do Metamodelo (BANDLER; GRINDER, 1975a)?

• Como ele reformula ataques, críticas e enquadramentos hostis – em movimentos que podem ser modelados como padrões de Prestidigitação Verbal (DILTS, 1994)?

Ao responder a essas questões, este artigo cumpre uma dupla função:

a) Completude teórica – torna o MLLP um modelo multiescala, que vai do macro (história, identidade, coalizão) ao micro (metáforas, frases, reenquadramentos).

b) Aplicabilidade prática – transforma o que foi observado em Lula em um conjunto de lentes e ferramentas que podem ser usadas para modelar e desenvolver a comunicação de outros sujeitos, em outros contextos.

Ao longo do texto, mantemos a distinção epistemológica estabelecida no artigo anterior:

• Dados documentados: o que Lula efetivamente disse (trechos curtos de fala, identificáveis em discursos, entrevistas e pronunciamentos) e o que estudos de corpus quantificaram (MOURA,2005; SARDINHA, 2008, 2010; TREIN; MESQUITA, 2025).

• Inferências de modelagem: leituras em termos de PNL (Modelo Milton, Metamodelo, Prestidigitação verbal, Níveis Neurológicos, Posições Perceptuais).

Sempre que avançarmos da descrição para a interpretação, explicitaremos que se trata de hipótese de modelagem, aberta a crítica e refino.

2. Ferramentas de linguagem em PNL – o kit conceitual mínimo

2.1. Modelo Milton – a arte da vagueza produtiva

O Modelo Milton descreve padrões de linguagem vagos, metafóricos e permissivos, inspirados na prática hipnótica de Milton H. Erickson (BANDLER; GRINDER, 1975b). Em vez de tentar eliminar as imprecisões do uso comum da linguagem, ele as orquestra para promover:

• busca transderivacional: o ouvinte preenche lacunas com o próprio repertório.

• generalização benigna: uma mesma frase serve a realidades distintas.

• instalação de pressupostos: valores e crenças embutidos em estruturas aparentemente neutras.

Entre os padrões típicos estão: nominalizações (“dignidade”, “esperança”), deleções (“vamos fazer o que precisa ser feito”), generalizações (“ninguém aguenta mais sofrer”), metáforas, truísmos (“todo mundo sabe que…”), equivalências complexas (“se há fome, falta vergonha em quem governa”), estruturas de causa–efeito e de condição.

2.2. Metamodelo – a arte da precisão e do desmonte

O Metamodelo, apresentado em The Structure of Magic (BANDLER; GRINDER, 1975a), é o conjunto de distinções e perguntas para desvelar detalhes omitidos, generalizados ou distorcidos na fala: “Quem, especificamente?”, “Quando, exatamente?”, “Sempre? Nunca?”, “Comparado a quê?”, “Como você sabe?”.

Na clínica, ele funciona como bisturi linguístico; no discurso público, dificilmente aparece em forma de interrogatório, mas pode ser observado quando o líder:

• especifica números, prazos, critérios.

• desmonta generalizações grosseiras.

• clarifica relações de causa–efeito.

É esse uso mais sutil que investigamos aqui.

2.3. Prestidigitação verbal – os 14 padrões de Prestidigitação verbal Sob o nome de Prestidigitação verbal (PV), Dilts (1994) descreveu uma família de padrões de reenquadramento verbal: formas de mudar o significado e as implicações de uma crença ou acusação sem atacá-la frontalmente, muitas vezes preservando a intenção positiva originalmente envolvida.

Entre as diversas listagens, trabalhamos com 14 padrões:

1. Intenção.

2. Consequências.

3. Outro Resultado.

4. Contra-exemplo.

5. Aplicar a Si.

6. Estratégia de Realidade.

7. Modelo de Mundo.

8. Metaquadro.

9. Mudar Tamanho do Quadro.

10. Hierarquia de Critérios.

11. Segmentação para Baixo (especificar).

12. Segmentação para Cima (abstrair);

13. Metáfora/Analogia;

14. Redefinir.

Importante frisar: não supomos que Lula "estudou Prestidigitação Verbal". A hipótese de modelagem é mais modesta: certos movimentos recorrentes de resposta, reenquadramento e devolução que aparecem na sua fala podem ser descritos como instâncias desses padrões. Essa descrição é útil tanto para análise quanto para ensino.

3. Corpus e metodologia – do macro ao micro

3.1. Universo de dados

O corpus primário deste artigo replica, em grande parte, o universo do Artigo 1, agora com foco específico na linguagem:

• três discursos de posse (2003, 2007, 2023), em transcrições oficiais.

• pronunciamentos em cadeia nacional entre 2003 e 2010, especialmente sobre economia, programas sociais e crises.

• entrevistas longas (imprensa nacional e internacional) entre 2002 e 2023, em que Lula responde a críticas, fala de biografia, prisão e retorno.

• discursos em contextos de crise, como pronunciamentos à militância às vésperas da prisão e falas de autodefesa pública.

Complementarmente, utilizamos resultados de pesquisas em linguística de corpus e análise do discurso que já compilaram e analisaram milhares de discursos presidenciais, destacando, por exemplo:

• a predominância de metáforas de JORNADA, CONSTRUÇÃO e CRESCIMENTO ORGÂNICO no tratamento de desenvolvimento e economia (MOURA, 2005; SARDINHA, 2008, 2010).

• a construção de um ethos de liderança popular e unificadora nos três discursos de posse (TREIN; MESQUITA, 2025).

• perfis de legibilidade e diversidade lexical em discursos presidenciais brasileiros em perspectiva histórica (SARDINHA, 2008, 2010).

3.2. Procedimento analítico

O procedimento seguiu quatro passos complementares:

1. Extração de enunciados-chave: selecionamos frases que foram amplamente citadas na mídia, destacadas em estudos de corpus ou que surgem em momentos de confronto.

2. Anotação linguística: identificamos nominalizações, deleções, metáforas, pressuposições, marcadores de tempo, pronomes, etc.

3. Classificação em padrões de PNL: marcamos padrões de Modelo Milton, instâncias de Metamodelo e padrões de Prestidigitação Verbal.

4. Articulação com o MLLP: relacionamos os micropadrões linguísticos às macroestratégias do MLLP (conforme Figura 1).

Para leitores de áreas como linguística ou ciência política, é importante reforçar: este é um estudo de caso qualitativo, apoiado em literatura de linguística de corpus, não uma pesquisa estatística original. As quantificações utilizadas são as já publicadas (MOURA, 2005; SARDINHA, 2008, 2010; TREIN; MESQUITA, 2025).

4. Modelo Milton no discurso de Lula – metáforas, vaguidão estratégica e “frases de colar na parede”

4.1. Nominalizações que condensam processos

Um traço recorrente em discursos de posse e pronunciamentos é o uso de nominalizações para condensar processos subjetivos complexos em “coisas” aparentemente manipuláveis. Em um dos trechos emblemáticos do seu primeiro discurso de posse, em 1º de janeiro de 2003, Lula afirma algo muito próximo de:

“Nós vamos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima.”

“Dignidade” e “auto-estima” são processos transformados em objetos. Na lógica do Modelo Milton:

• apaga-se o como (“como, exatamente, se recupera dignidade?”).

• o conceito torna-se maleável, podendo ser religado às imagens sensoriais subsequentes.

• cada ouvinte associa “dignidade” às próprias experiências.

Do ponto de vista do MLLP, trata-se de um movimento típico de MLLID em interação com L1 (Tradução Sensorial Radical).

4.2. Generalizações evocativas: “Nunca antes na história deste país…”

Frases como:

“Nunca antes na história deste país se investiu tanto em saneamento básico.” aparecem em diversos pronunciamentos em cadeia nacional durante o primeiro mandato (2003–2006). São generalizações temporais amplas (“nunca antes”) que condensam um contraste. É uma vagueza artística com forte carga comparativa.

Efeitos típicos de Modelo Milton: criam um bordão memético, instalam um frame comparativo e embutem uma equivalência complexa. No MLLP, funcionam como marcadores identitários de ruptura histórica.

4.3. Metáforas estruturantes: viagem, construção, organismo.

Estudos (MOURA, 2005; SARDINHA, 2008, 2010) mostram o predomínio de:

• JORNADA: “seguir em frente”, “mudar o rumo”; • CONSTRUÇÃO: “reconstruir o país”, “tijolo por tijolo”.

• ORGANISMO: “economia saudável”, “país doente”.

Convergindo com Lakoff e Johnson (1980), essas metáforas estruturam o pensamento político através de experiências sensoriais comuns, facilitando a compreensão (L1) e a pacificação (L4).

4.4. Truísmos e pressuposições: “todo mundo sabe que…”

Outro recurso típico são truísmos, frases que parecem tão óbvias que quase dispensam prova, como em trechos de discursos sobre fome e desigualdade nos anos 2000:

“Todo mundo sabe que um país em que o povo não come nunca será verdadeiramente grande.”

A expressão “todo mundo sabe” é um pressuposto impessoal. Na linguagem do Modelo Milton, o truísmo:

• suspende o pensamento crítico imediato.

• reforça uma moral implícita.

• cria um “chão de obviedade” sobre o qual se erguem argumentos posteriores.

Nota de análise: é fundamental pontuar que a “suspensão do pensamento crítico” aqui referida não denota necessariamente uma manipulação maliciosa, mas uma função inerente à retórica política e persuasiva de massa. Todo discurso eficaz busca estabelecer premissas axiomáticas (valores comuns) que não precisem ser debatidas a cada frase, permitindo a construção de consenso.

5. Metamodelo no discurso de Lula – a flexibilidade do “câmbio de marcha” Embora a linguagem de Lula seja predominantemente Miltoniana (inspiradora e vaga), sua eficácia reside na flexibilidade de alternância. Observamos um verdadeiro “câmbio de marcha”: ele transita da vaguidão onírica (“esperança”, “sonho”) para a precisão cirúrgica do Metamodelo quando precisa se defender, prestar contas ou ancorar a realidade. É essa dança entre o macro (vago) e o micro (específico) que caracteriza sua competência comunicativa.

5.1. Especificidade numérica: “33 milhões”

Quando substitui “muita gente passando fome” por formulações do tipo, presentes em entrevistas e pronunciamentos sobre o programa Fome Zero no início dos anos 2000:

“Milhões de brasileiros, mais de trinta milhões, não sabem o que vão comer amanhã.” ele realiza um chunk down abrupto. Sai do quantificador vago para um número concreto. Isso:

• metamodela a própria narrativa (“muita gente” → “quantos, especificamente?”).

• comunica seriedade e contato com dados.

• ancora a indignação em um critério mensurável.

No MLLP, essa escolha reforça L5 (Rapport Multinível): a mesma frase fala ao estômago de quem passa fome (via sensorialidade) e ao neocórtex de analistas (via dado específico).

5.2. Desmonte de causas místicas: fome como decisão política
Em diferentes contextos, Lula insiste que a fome não é destino, mas resultado de escolhas humanas. Em pronunciamentos ligados ao combate à fome, por exemplo, afirma:

“A fome não é um castigo de Deus. Ela é resultado de escolhas que a sociedade faz.”

Aqui, vemos a aplicação do Metamodelo para desafiar a estrutura de causa–efeito implícita na crença popular:

• nega-se uma causa mística/fatalista.

• recoloca-se a fome como efeito de decisões humanas verificáveis.

Do ponto de vista dos Níveis Neurológicos, desloca-se o problema de um nível Espiritual (imutável) para os níveis de Comportamento e Ambiente (mutáveis).

5.3. Refino de generalizações morais

Diante de generalizações como “todo político é ladrão”, Lula frequentemente responde com contra-exemplos, em entrevistas e debates:

“Se todo político só pensasse em si, não teríamos salário mínimo, aposentadoria, escola pública.”

Em termos de Metamodelo, temos o uso clássico de contra-exemplos para quebrar o quantificador universal (“todo”), protegendo a identidade da política enquanto ferramenta de transformação.

6. Prestidigitação verbal – 14 padrões de Prestidigitação verbal (PV) com exemplos
Para organizar os exemplos de prestidigitação verbal, apresentamos primeiro uma tabela de visão geral com os 14 padrões de Prestidigitação verbal, seguida de subseções analíticas aprofundando três deles.

Observação: a análise em termos de PV é inferência de modelagem.

6.1 Tabela 1 – Padrões de Prestidigitação verbal na fala de Lula

Padrões de Prestidigitação Verbal no discurso de Lula

Padrão de PV	Ideia central	Manifestação típica no discurso de Lula (inferência de modelagem)
1. Intenção	Evidenciar a intenção positiva por trás de uma crença ou comportamento.	Ao responder a medo ou resistência, reconhece primeiro o desejo de "proteger o país" antes de reenquadrar.
2. Consequências	Mostrar o impacto futuro de manter ou mudar a crença.	Argumenta que abandonar programas sociais teria custos humanos inaceitáveis.
3. Outro Resultado	Manter a intenção, mudar o meio.	Diz que responsabilidade fiscal é necessária, mas também responsabilidade social, propondo as duas juntas.
4. Contraexemplo	Quebrar uma generalização por meio de exceções.	Lembra momentos históricos em que escolhas diferentes produziram resultados piores.
5. Aplicar a si mesmo	Devolver a estrutura da crença à fonte.	Questiona se os críticos aceitariam para si as condições que propõem para os mais pobres.
6. Estratégia de realidade	Perguntar como a pessoa sabe que a crença é verdadeira.	Pede dados concretos, números, evidências por trás de previsões catastróficas.
7. Modelo de mundo	Mostrar que a crença reflete apenas um mapa.	Contrapõe a visão de que "pobre é problema" com "no meu modo de ver, o pobre é parte da solução".
8. Metaquadro	Mudar o quadro em que a crença é julgada.	Reenquadra ataques ao gasto social como se implicassem que o pobre "não merece comer".
9. Mudar tamanho do quadro	Ampliar ou reduzir o quadro temporal/espacial.	Coloca críticas de curto prazo dentro de uma trajetória mais longa de avanços sociais.
10. Hierarquia de critérios	Introduzir um valor de ordem superior.	Afirma que pagar a dívida é importante, mas alimentar a população é mais importante.

11. Especificar (segmentação para baixo)	Ir aos detalhes concretos.	Pergunta qual política, qual número, qual decisão está em jogo, ancorando o debate.
12. Abstrair (segmentação para cima)	Subir para um valor compartilhado de nível mais alto.	Diz que, quaisquer que sejam as diferenças, "somos todos brasileiros", apelando à identidade.
13. Metáfora/analogia	Usar uma história ou imagem para reorganizar o sentido.	Compara desemprego ou fome a situações concretas do dia a dia para torná-los viscerais.
14. Redefinição	Mudar o significado de um termo-chave.	Reenquadra "assistencialismo" como "investimento na base produtiva do país".

6.2. Modelo de Mundo – "pobre como problema" versus "pobre como solução" Quando Lula afirma, em entrevistas e comícios, "Tem gente que acha que pobre é problema. No meu mundo, pobre é solução", ele explicita um modelo de mundo dominante e apresenta um alternativo. No MLLP, isso é expressão de MLLID (Influência) e L6 (Narrativa de Origem), reorganizando o campo semântico de "pobreza" em torno de potência econômica.

6.3. Metaquadro – quando criticar programa vira criticar pessoas

Ao dizer "Quando alguém é contra ajudar o pobre, está dizendo que o pobre não merece comer", o metaframe desloca o foco do meio (programa) para o beneficiário (pessoas). Isso eleva o custo moral da crítica. No MLLP, é um recurso de MLLCOL, forçando um terreno comum de valores humanitários (L4 – chunk up).

6.4. Redefinição – dignidade versus liberdade condicional

A frase "Eu não troco a minha dignidade pela minha liberdade", proferida no discurso em São Bernardo do Campo em 2018, pouco antes de se apresentar à Polícia Federal, redefine a hierarquia de valores. "Liberdade" deixa de ser o bem supremo se for condicionada; "dignidade" (coerência biográfica) assume o topo. É um ponto alto de MLLPER (Persistência), construindo a antifragilidade simbólica.

7. Outros elementos de linguagem e PNL detectáveis na fala de Lula Além dos três conjuntos principais, a fala exibe uma série de outros elementos relevantes para a PNL:

• Jogos pronominais: alternância estratégica entre "eu", "nós" (governo), "nós" (povo) e "eles", marcando alinhamentos e fronteiras simbólicas.

• Operadores Modais de Necessidade ePossibilidade: marcadores como "não podemos aceitar" ou "é possível construir um país melhor" programam deveres e permissões sociais.

• Marcadores Temporais (timeline): organização da experiência em “antes”, “agora” e “futuro”, essencial para a narrativa de redenção.

• Âncoras sensoriais: imagens recorrentes (churrasco, feijão, família) que evocam estados afetivos e ancoram a motivação (SARDINHA, 2008).

8. Modelo de Aplicação Linguística do MLLP (PAL-MLLP)

A partir da análise, propomos o Protocolo de Aplicação Linguística do MLLP (PAL-MLLP) para modelagem ética da comunicação.

8.1. Etapa 1 – Cartografia do contexto e do propósito

Definir com clareza quem é o “povo” (público-alvo) e qual é a missão do comunicador, evitando pirotecnia retórica vazia. Quais valores e quais resultados concretos se deseja promover?

8.2. Etapa 2 – Modelagem linguística

Mapear o vocabulário sensorial do público; escolher metáforas estruturantes (jornada? construção? organismo?); projetar frases de estilo Milton que convoquem esperança e pertencimento; preparar, com antecedência, possíveis reenquadramentos (PV) para objeções previsíveis.

8.3. Etapa 3 – Ensaios e feedback

Testar discursos, aulas ou apresentações em pequenos grupos; observar o impacto real; ajustar ritmo, pausas, exemplos. Trabalhar a coerência entre corpo, voz e mensagem, no espírito da fenomenologia da presença (MERLEAU-PONTY, 1999).

8.4. Etapa 4 – Ecologia e ética

Aplicar uma pergunta-chave: “Eu me sentiria bem se usassem essa sofisticação linguística comigo?”. O uso do PAL-MLLP em treinamentos deve incluir códigos explícitos de ética, transparência e respeito à autonomia do interlocutor.

9. Integração dos dois artigos – do Modelo Lula ao meta-modelo de modelagem Com este segundo artigo, o programa MLLP ganha estrutura mais completa. O Artigo 1 oferece a arquitetura sistêmica (nível macro) – as macroestratégias MLLID, MLLPER e MLLCOL e as competências L1–L7. O Artigo 2, por sua vez, detalha as ferramentas de engenharia linguística (nível micro) – Modelo Milton, Metamodelo e Prestidigitação verbal, organizados em torno do PAL-MLLP.

Juntos, os dois textos permitem:

• analisar lideranças populares de forma mais precisa e responsável;

• desenhar programas de formação em comunicação e liderança orientados por evidências;

• oferecer um referencial técnico para modelar excelência comunicativa em diferentes áreas (política, educação, clínica, organizações).

Em termos de PNL, o MLLP + PAL-MLLP pode ser lido como um “meta-modelo de modelagem”: um conjunto de perguntas, mapas e ferramentas para investigar como certos líderes conseguem alinhar linguagem, corpo, história e sistema social em narrativas de alta ressonância.

10. Considerações finais

Este artigo buscou mostrar que, por trás do carisma de Lula, há um tecido fino de escolhas linguísticas passíveis de descrição e ensino. Ao integrar a PNL de terceira geração, a linguística de corpus e a análise retórica, produzimos não um manual de manipulação, mas um convite ao letramento crítico em influência.

O desafio, daqui em diante, é aprofundar empiricamente este programa – ampliando o corpus, testando hipóteses com outros líderes, explorando resistências e contraexemplos – e, sobretudo, decidir conscientemente que tipo de liderança queremos modelar, a serviço de quais valores e quais futuros. Se o primeiro artigo revelou a estrutura da magia política, este procurou revelar a sua gramática.

References

Adam, H. and Galinsky, A. D. (2012) 'Enclothed cognition', *Journal of Experimental Social Psychology*, 48(4), pp. 918–925.

Bandler, R. and Grinder, J. (1975a) *The structure of magic I: a book about language and therapy*. Palo Alto, CA: Science and Behavior Books.

Bandler, R. and Grinder, J. (1975b) *Patterns of the hypnotic techniques of Milton H. Erickson, M.D. Vol. 1*. Cupertino, CA: Meta Publications.

Dilts, R. B. (1994) *Strategies of genius. Vol. 1*. Capitola, CA: Meta Publications.

Dilts, R. B. (2017) *Prestidigitação verbal: the magic of conversational belief change*. Scotts Valley, CA: Dilts Strategy Group.

Dilts, R. B., DeLozier, J. and Epstein, D. (2010) *NLP II: the next generation*. Capitola, CA: Meta Publications.

Goffman, E. (1959) *The presentation of self in everyday life*. New York, NY: Anchor Books.

Lakoff, G. and Johnson, M. (1980) *Metaphors we live by*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

Merleau-Ponty, M. (1999) *Fenomenologia da percepção*. 4th edn. São Paulo: Martins Fontes.

Moura, E. M. M. de (2005) *As representações metafóricas do discurso político do presidente Lula: um estudo da metáfora cognitiva*. Master's dissertation. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Percia, A. (2025) *O código Elton John: descubra como aplicar as estratégias de criatividade e reinvenção do Rocket Man na sua vida e carreira*. Rio de Janeiro: [no publisher].

Sardinha, T. B. (2008) 'Lula e a metáfora da conquista', *Linguagem em (Dis)curso*, 8(1), pp. 93–120.

Sardinha, T. B. (2010) 'As metáforas do presidente Lula na perspectiva da linguística de corpus: o caso do desenvolvimento', *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 26(1), pp. 163–190.

Signorello, R. et al. (2013) 'The physiological use of the charismatic voice in political speech', in *Proceedings of Interspeech 2013*. Lyon: ISCA.

Taleb, N. N. (2012) *Antifragile: things that gain from disorder*. New York, NY: Random House.

Trein, S. and Mesquita, M. E. (2025) ‘Os sentidos discursivos de Lula em seus três discursos de posse’, *Revista UNINTER de Comunicação*, 12(21), pp. 88–102.

Turner, V. (1969) *The ritual process: structure and anti-structure*. Chicago, IL: Aldine.